



REPRESENTAÇÕES EM RELAÇÃO À PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: UM OLHAR DOS ALUNOS DO CURSO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Adriana Regina de Jesus Santos¹
Dayane Vergínia Batista
Karina Silva Cruciol
Hélio José Luciano
Anderson Souza de Oliveira²

INTRODUÇÃO

O presente artigo intitulado “Representações em relação à precarização do trabalho docente: um olhar dos alunos do Curso de História da Universidade Estadual de Londrina” está vinculado ao Projeto de Pesquisa denominado “Gênero na Docência: uma representação dos discentes dos Cursos de Licenciatura da Universidade Estadual de Londrina”, e tem como objetivo identificar por meio das falas dos discentes o que estes compreendem por Formação e Trabalho Docente no contexto da sociedade contemporânea.

Segundo Codo (2000, p.62),

torna-se necessário tal reflexão por entender que a formação e atuação docente vem experimentando novas modificações, especificamente tendo como determinação à reestruturação produtiva que estabelece novos parâmetros para a formulação da política educacional e, por conseqüência, novas formas do exercício da docência.

Sendo assim, o contexto da reestruturação produtiva traz novas exigências para o trabalho do professor no processo de reprodução das relações sociais, o que reconfigura

¹ Professora da área de didática do curso de Pedagogia da UEL. Contato: adriana tecnoloiga@yahoo.com.br;

² Graduandos do Curso de Pedagogia da UEL. Contatos: daya_batysta@hotmail.com; kakadias79@yahoo.com.br; helio.letras@yahoo.com.br; coopanderson@gmail.com

a sua identidade e o seu saber/fazer profissional. Para tanto, é parte desse processo a crescente proletarização, a descaracterização das especificidades do trabalho docente, provocando uma crise de identidade profissional.

Dentre estes apontamentos observados, refletir sobre a formação e o trabalho docente, a partir de uma ótica dos discentes, será muito importante para compreendermos o imaginário que permeia esta profissão na sociedade contemporânea, podendo desta forma, levantar questionamentos e proposições no que tange a formação de professores no âmbito das licenciaturas.

MARCO TEÓRICO

Tendo como parâmetro algumas pesquisas realizadas a partir da temática “formação e atuação dos professores”, identificamos, por meio dos estudos de autores como Codo (2000), Gramsci (1984), Libaneo (1998), Madeira (2011), Tardif (2002), Vásquez (1982) entre outros, um possível repensar sobre esta formação, que, nos últimos anos, vem sofrendo uma profunda e constante tensão, a qual se origina do confronto entre sua institucionalidade e sua práxis, ou seja, a necessidade de preservar valores e, ao mesmo tempo, a urgência de transformá-los, além de problematizar determinados modismos que vêm se configurando em práticas docentes desarticuladas do saber emancipado do sujeito; compreendendo, contudo, a urgência de ressignificar a ação docente em sala de aula e para além dela.

Ressaltamos, desse modo, que antes de nos atermos à formação do professor, é inevitável analisarmos o cenário sociopolítico e econômico em que estamos inseridos, já que as transformações sociais que vêm ocorrendo no cotidiano e no campo simbólico – mundo do conhecimento – têm provocado profundas rupturas conceituais e de percepção dos sujeitos nela envolvidos.

Isto posto, podemos perceber que o cenário sócio-político-econômico e cultural da sociedade contemporânea apresenta desafios e inquietudes nos que tange a identidade individual e coletiva dos sujeitos, isto é, neste processo de transformação social, vemos que algumas características humanas sofreram alterações significativas. Há que considerar, conforme aponta Palangana (2002), que a percepção, a sensibilidade, a

concentração enquanto faculdades humanas foram moldadas e enquadradas de acordo com a tarefa da produção industrial. O indivíduo, absorvido por uma função parcial e compartimentada, foi privado e expropriado da compreensão e da capacidade de analisar o processo produtivo como um todo. Destarte, junto com a objetividade, a subjetividade humana foi modificada. O que vemos são características comuns e a partir de padrões estabelecidos pela lógica da sociedade individualista e infantilizada.

Faz-se necessário ressaltar que a palavra “infantilização” nesta pesquisa tem como parâmetro o conceito de Kant (1999), isto é, os sujeitos inseridos nesta sociedade atual são denominados como ser infantil e/ou infantilizado, e esta categoria está associada ao medo, a ingenuidade e a falta de consciência crítica. Contribuindo com esta análise, Silva (2007, p. 144) afirma que “O termo ‘infante’ significa, etimologicamente, ‘aquele que não fala’, não consegue expressar seu pensamento” ou, ainda, como diz Gagnebin (1994, p. 87), “não adquiriu o meio de expressão próprio de sua espécie: a linguagem articulada”, o que dá margem a outras interpretações. Estas questões postas, conseqüentemente interferem na compreensão do trabalho envolvendo a formação e atuação docente, pois não temos clareza do processo da profissionalização, tornando esta, um mecanismo de representação social voltada a proletarização.

Essas discussões no âmbito social têm influenciado nas ações docentes em sala de aula, com leituras equivocadas do que seja o saber fazer no âmbito escolar.

Faz-se necessário ressaltar que vivemos em uma sociedade composta por representações sociais que vão sendo construídas e transformadas ao longo de nossos dias, por diferentes lugares que passamos, pessoas que conhecemos e relações interpessoais que vamos tendo em nosso dia a dia. Contribuindo com esta análise Moscovici, (2003, p.41) afirma que: “Representações, [...] não são criadas por um indivíduo isoladamente”, sendo assim, ao relacionarmos com o outro, novas representações vão sendo construídas e reconstruídas no contexto coletivo.

Ao refletirmos sobre a profissão do professor no contexto da nossa sociedade, inúmeras representações e inquietações sobre o ser professor, surgem de maneira significativa, ou seja, é possível identificar que a atividade docente passa por muitas transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e pedagógicas, e estas acabam afetando o exercício profissional do professor já que as possibilidades de trabalho se encontram limitadas fazendo com que o mesmo se adapte as condições oferecidas.

Diante das complexidades relacionadas a educação e ao contexto da sociedade atual globalizada e possuidora de inúmeras culturas, acaba exigindo do professor que este seja um profissional polivalente preparado para atender diferentes públicos e principalmente disposto a adaptar-se às mudanças sociais dentro das limitações escolares, assim como diz Tardif “[...] saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experiências.” (2002, p. 54).

Muitos são os desafios da profissão professor o que faz com que se evidenciem a precarização do trabalho docente, no que diz respeito à estrutura das salas de aula, remuneração do profissional, valorização da profissão, recursos de trabalho, cargas horárias a serem cumpridas entre outras inúmeras situações que acabam tornando essa profissão desvalorizada pela comunidade universitária.

Esta desvalorização profissional esta também ligada às relações estabelecidas pela sociedade, assim como também, pelos próprios profissionais da área, como assinala Madeira (2011, p.12):

[...] a profissão docente é representada como desvalorizada socialmente, concretizada nos baixos salários, instabilidade e precariedade das condições de trabalho, aliada à possibilidade de mudança de profissão, mesmo que colocada como um sonho [...].

Embora a situação da profissão docente na sociedade contemporânea esteja atualmente relacionada à precarização, esta necessita ser ressignificada, isto é, o professor deve mobilizar-se para retomar as especificidades do seu fazer profissional no intuito de contribuir para uma re-ordenação da política voltada a formação de professores.

Para compreender melhor a temática, objeto do nosso estudo, foi realizada uma pesquisa de campo com os alunos dos 1º e 4º anos do curso de História da Universidade Estadual de Londrina, como veremos abaixo:

METODOLOGIA

Com o intuito de identificar as representações sociais em relação à Formação e Atuação Docente, elaboramos e aplicamos um questionário para os alunos dos 1º e 4º anos do curso de História. Os sujeitos da nossa pesquisa apresentam uma faixa etária dos 18 aos 50 anos, totalizando 52% do sexo masculino e 48% do sexo feminino. Faz-se necessário ressaltar, que quando falamos em representações sociais, devemos ter claro que esta é entendida como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, tendo um objetivo prático e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p.22), ou seja, são conceitos construídos por grupos sociais através de suas interações.

RESULTADOS

Os dados coletados por meio da pesquisa de campo apontam que a categoria precarização está presente de maneira significativa nas falas dos discentes, e esta é entendida pelos alunos como algo que leva a uma situação de desrespeito com o profissional, colocando o mesmo em situações e contextos que torna quase impraticável a ação docente.

Posto isto, a precarização do trabalho docente está relacionada com a falta de reconhecimento da figura do professor, descaso, politicagem, falta de tempo. Esses aspectos são evidenciados na seguinte afirmação: “[...] hoje o professor é marginalizado, desrespeitado e avacalhado ” (aluno do 4º ano do curso de História, 25 anos). Para o aluno do 1º ano do Curso de Historia “[...] não é uma carreira promissora em termos financeiros” (18 anos). Já para o aluno do 4º ano, a profissão docente “[...] é um serviço árduo [...] e a ação do professor está ligada a falta de recursos, de tempo e incentivo”. (32 anos).

Percebe-se por meio das falas dos discentes, que a representação do ser professor está ligada a imagem de um ser que está à margem, pois a sociedade não o reconhece, degradando assim sua figura, enxergando como um “profissional

desqualificado [...] com um discutível reconhecimento social” (PEREIRA e MARTINS, 2002, p.113,).

De acordo com a fala dos alunos percebe-se que na atual sociedade as condições de trabalho são precárias o que acaba desfavorecendo a ação docente. Contribuindo com esta reflexão Codo (2000, pg. 126) afirma que:

[...] as condições enfrentadas pelos professores não são as melhores, muito pelo contrário. Os professores sofrem com baixos salários, condições inadequadas de infra estrutura e equipamentos, falta de conforto e condições adequadas de trabalho.

Entende-se por condições de trabalho, um conjunto de recursos que possibilita uma melhor realização do trabalho educativo, e que envolve tanto a infra-estrutura das escolas, os materiais didáticos disponíveis, quanto ao serviço de apoio aos educadores e à escola.

Teoricamente pode-se perceber que a conta desta realidade se fecha pela adequada relação entre fins e meios; entretanto, mesmo com as novas exigências atribuídas à educação e anunciadas pelos mais diversos meios tecnológicos do atual momento histórico ainda não será possível concordar com as reais condições de trabalho e exercício da prática docente, pois estudos recentes comprovam que as condições de trabalho ainda demonstram uma crescente precarização e deterioração das condições laborais impostas pelo mercado de trabalho.

Dessa forma, a profissão está passando por um processo de precarização no que tange ao sucateamento da educação, atingindo diretamente o professor, como também a relação entre professor-aluno. Esse processo leva o docente a enfrentar todo tipo de percalços em sua prática docente, como por exemplo, a violência simbólica e física.

Corroborando com esta reflexão o aluno do 1º ano do Curso de História ressalta que:

[...] a profissão de professor, é uma profissão de risco, pois muitos são agredidos fisicamente e verbalmente, sofrendo ameaças constantes dos alunos”. (aluno do 1º ano do curso de História, 19 anos).

É nestas condições que os professores têm exercido o seu ofício atualmente, e em função desta adversidade na relação com o aluno, raro tem sido os professores que não desenvolvem certa apatia com a profissão, causando nos mesmos todo tipo de doenças relacionadas ao estresse físico e mental. Codo (1995) diz que o profissional neste contexto encontra-se:

Encalacrado em uma situação de trabalho que não pode suportar, mas da qual também não pode desistir. O trabalhador arma, inconscientemente, uma retirada psicológica, um modo de abandonar o trabalho apesar de continuar nos postos de trabalho. (CODO, 1995, p119)

Estes aspectos relacionados acima são denominados por Codo como a síndrome de *Burnout*, e esta é assim definida:

[...] uma síndrome que afeta principalmente os trabalhadores encarregados de cuidar. Burnout foi o nome escolhido; em português algo como 'perder fogo', 'perder a energia', ou 'queimar (para fora) completamente' (numa tradução mais direta). É uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece inútil (2000, p.237-238).

Relacionando a análise de Codo com o depoimento do aluno acima citado, encontramos questões pertinentes que precisam ser discutidas no currículo do Curso de História, pois o trabalho do professor na concepção discente, apresenta um quadro de alienação e de reprodução da massificação da educação, enquanto área de atuação, perdendo assim, o sentido da identidade da formação e atuação docente.

Os dados obtidos durante a pesquisa apontam também, que os discentes do Curso de História veem a profissão professor com muito descaso, angústia, medo e apresentam falta de compreensão em relação à identidade da formação e atuação docente, como pode ser constatado na seguinte fala:

Ser professor na atual conjuntura é basicamente assim: Uma caixa de papelão, grande, que atrapalha que não tem valor, está cheia de tijolos e molhada, onde a melhor opção é deixá-la onde está e como está. Ainda deve servir para alguma coisa. (Aluno do 4º ano de História, 26 anos).

A citação acima demonstra um olhar cético sob o trabalho docente, sua representação é de uma profissão que não traz dignidade e bem-estar. A docência que já

foi uma profissão fundamental e que gozou de prestígio é agora percebida como uma categoria secundária e desvalorizada pelo contexto social.

Pode-se constatar também, por meio das falas dos alunos do Curso de História, que em sua grande maioria, apresentam dificuldades de sistematizar suas ideias em relação a formação e atuação docente, isto é, as respostas dadas basearam-se numa linguagem que pode ser denominada de senso comum.

Entende-se por senso comum, segundo Gramsci (1984), uma “Filosofia espontânea”, popular, peculiar a todos os homens, que está contida não só no senso comum, mas também na linguagem, no bom senso e na religião popular. Essa filosofia, situada ao nível do inconsciente, do pensamento desagregado e ocasional, é apenas uma concepção de mundo “imposta” mecanicamente ao homem pelo ambiente exterior, a qual ele aceita subalterna e passivamente e da qual partilha, no pensar e no agir acrítico, num determinado grupo social (SANTOS, 2009).

Esse sujeito descrito por Gramsci é o homem-massa, aquele que, não possuindo consciência do significado da sua própria ação, não pode avaliar criticamente sua forma de participação no processo histórico. Sua concepção de mundo, subalterna e heterogênea, reflete, fundamentalmente, os padrões impostos pela classe dominante e influi diretamente sobre sua ação, impedindo-o de agir de modo crítico e coerente (SANTOS, 2009).

Contribuindo com essa reflexão, Adolfo Sánchez Vásquez afirma que:

senso comum é o ponto-de-vista do praticismo; prática sem teoria, ou com o mínimo dela. Na consciência de senso comum o prático - entendido num sentido estritamente utilitário - contrapõe-se à teoria. Esta se faz desnecessária ou nociva para a prática, o ponto-de-vista do senso comum docilmente de desdobra aos ditames ou exigências de uma prática esvaziada de ingredientes teóricos. Em lugar destes tem-se “uma rede de preconceitos, verdades estereotipadas e, em alguns casos, superstições de uma concepção irracional (mágica ou religiosa) do mundo. Para o senso comum a prática se basta a si mesma” (VÁSQUEZ, 1982, p. 13).

Percebe-se, portanto, a necessidade de uma discussão e reformulação curricular em relação ao Curso de História, pois ao analisarmos a grade curricular identificamos que esta apresenta por meio de suas ementas discussões frágeis e/ou superficiais relacionadas a formação e atuação docente, o que implica em uma visão de senso

comum dos seus discentes. A mostra da pesquisa de campo apontou que os alunos desconhecem o conceito e a prática docente, como demonstra o depoimento abaixo:

“O que é ser professor, sinceramente não sei responder. Pois a experiência empírica ainda é pequena. Foram somente duas semanas em sala de aula, experiência pequena, mas muito valorosa” (Aluno do 4º ano de História, 35 anos).

Diante de um cenário caótico e confuso no qual se encontra o professor a má compreensão da formação e atuação docente desse profissional contribui para o fracasso escolar e, sobretudo, o fracasso educacional. Essa problemática não pode cair em vala comum. Lidar com a profissão professor de forma relapsa é abrir precedentes para má formação de cidadãos.

Segundo Libâneo (1998, p.49):

A desqualificação profissional do professorado é notória, porque os cursos de formação não vêm acompanhando a tendência de desprofissionalização e de decréscimo do conceito social da profissão, fortalecer as lutas sindicais por salários dignos e condições de trabalho. É preciso, junto com isso, ampliar o leque de ação dos sindicatos envolvendo também a luta por uma formação de qualidade, por uma cultura do profissionalismo, de modo que a profissão ganhe mais credibilidade e dignidade profissional.

De acordo com Papi (2005) a profissionalização supõe envolvimento, responsabilização, iniciativa, engajamento profissional. Ser professor ou exercer o professorado é muito mais complexo do que apresentado no senso comum. É encarando a complexidade dessa profissão que é possível atentar para uma formação docente mais crítica-reflexiva e com ações políticas mais efetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas reflexões em relação à precarização do trabalho docente necessitam ser problematizadas no contexto das licenciaturas, pois estes mesmos alunos que estão representando socialmente a profissão do professor estão de certa forma, “lançando um olhar” para o futuro como docentes, ou seja, estas representações necessitam ser

1 | REVISTA ELETRÔNICA PRO-DOCÊNCIA. UEL. Edição Nº. 1, Vol. 1, jan-jun. 2012.
DISPONÍVEL EM: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>

indagadas, questionadas e ressignificadas, pois caso não sejam, possivelmente serão reproduzidas na prática docente.

Contudo, as representações dos discentes do Curso de História no que consiste à formação e atuação docente podem levar a questionamentos de idéias, de práticas para pensar e construir novas identidades profissionais, possibilitando assim, a construção de novas identidades em relação ao ser professor. Para tanto, é necessário que as licenciaturas por meio dos seus currículos promovam espaços de reflexão e de debate sobre as representações da profissionalização docente.

REFERÊNCIAS

CODO, Wanderley. **Sufrimento psíquico nas organizações: saúde mental e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CODO, Wanderley. **Educação: Carinho e Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994. (Coleção Estudos,142).

GRAMSCI, Antonio. Introdução ao Estudo da Filosofia e do materialismo histórico In: _____. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 9-89, 1984.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. *As representações Sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. P. 17-44.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão Pura**. São Paulo: Nova cultural, 1999.

LIBÂNEO, J.C. **Adeus professor, adeus professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

MADEIRA, M. C. **Representações Sociais de Professores sobre a própria profissão: à busca de sentidos**. Universidade Católica de Petrópolis – UCP. Disponível em:<<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/2027t.pdf>> Acesso: em 06 ago.2011.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis:Vozes, 2003.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Individualidade: afirmação e negação na sociedade capitalista**. São Paulo: Summus, 2002.

PAPI, S. O. G. **Professores: formação e profissionalização**. São Paulo: JM, 2005.

PEREIRA, Lílíana Lemus S. e MARTINS, Zildete Inácio O. M. **A identidade e a crise do profissional docente**. In: BRZEZINSKI, líria (orgn.). *Profissão professor: identidade e profissionalização decente*. Brasília: Plano Editora, 2002.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares da. **Infância, Experiência e Trabalho Docente**. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

TARDIF, M. T. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, Adriana Regina de Jesus. **Gênero e Docência**: infantilização e feminização na representação dos discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina. Tese (Doutorado em Educação e Currículo)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

VÁSQUES, Adolfo Sánches. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização, 1982.